



## ESQUECIMENTO PROPOSITAL: COLORAÇÃO NÃO-INTERROGADA COMO LACUNA MORAL\*

*Emilie Townes\**

### Resumo

O artigo questiona a não interrogação quanto à cor como um esquecimento proposital que visa à manutenção do mito da branquidão em sua ausência de cor. Ao pergunta-se não porque, mas como se constrói esse silêncio, o artigo oferece uma estrutura metodológica para avaliar a forma pela qual a questão da cor permanece inadequadamente interrogada dentro dos discursos teológicos.

**Palavras-chave:** coloração não-interrogada; branquidão; esquecimento proposital; raça.

### Willful Oblivion: Uninterrogated Coloredness as Moral Lacuna

#### Abstract

The article asks about the uninterrogated coloredness as an oblivion willful that maintains the whiteness myth when assumes a non colored self. Questioning not why, but how this silence is constructed, the article provides a methodological frame to evaluate the way that coloredness remains inadequately interrogated within theological discourses.

**Keywords:** uninterrogated coloredness; whiteness; willful oblivion; race.

### Deliberado olvido: coloración no interrogada como brecha moral

#### Resumen

El artículo cuestiona la no interrogación por el color como un deliberado olvido que aspira a mantener el mito de la blanquitud en su ausencia de color. Al preguntarse no porque, sino como se construye este silencio, el artículo ofrece una estructura metodológica para evaluar la forma como el tema del color sigue siendo inadequadamente interrogado dentro de los discursos teológicos.

**Palabras clave:** coloración no-interrogada; blanquitud; olvido deliberado; raza.

... coisas invisíveis não necessariamente “não estão lá”; que um vazio pode estar vazio, mas não é um vácuo. Além disso, certas ausências são tão destacadas, tão ornadas, tão planejadas, que elas chamam atenção para si mesmas; prendem-nos com intencionalidade e propósito, como as

\* Apresentado para “Unspeakable Things Unspoken: Interdisciplinary Explorations of the Work of Toni Morrison As Fulcrum for Religious Discourse” na Society Group of the American Academy of Religion em seu encontro anual em Atlanta, no dia 23 de novembro de 2003. Esse artigo foi traduzido por Cesar Vinicius de Souza Barbato, graduando em teologia na Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo e membro do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/Netmal.

\* Professora de teologia e religião afro-americana na Yale Divinity School.



vizinhanças que são definidas pela população mantida longe delas. Olhando para o campo da literatura americana, não posso deixar de pensar que a pergunta nunca deveria ter sido “por que eu, uma afro-americana, estou ausente dela?” De qualquer forma, essa não é uma pergunta particularmente interessante. A pergunta espetacularmente interessante é: “Que façanha intelectual teve que ser realizada pelo autor ou seus críticos para me apagarem de uma sociedade agitada com minha presença, e que efeito aquela performance teve na obra? Quais são as estratégias de escape do conhecimento? De esquecimento proposital? ... Não porquê. Como?” (MORRISON, 1989, p.11-12)

Somos parte de uma academia que é bem treinada em silêncios. Isso é irônico dado o tanto de conversa que acontece em nossas salas de aula e em encontros profissionais como este. Ainda assim, temos nossos silêncios que nos assombram como tantas pontas soltas metodológicas e/ou análises deturpadas. Os silêncios incluem mais do que raça-etnia, sexualidade, idade, classe – a lista continua. Há itens nessa lista que muitos/as tratam como uma lista vazia de queixas. Versões mais atuais de “o que eles/elas querem?” ou “eles/elas conseguem todos os trabalhos, não conseguem?” abundam em nossas reflexões acadêmicas impressas, em sociedades profissionais, em jantares, horas sociais, nos escritórios de colegas e nos corredores de nossas instituições. De alguma maneira, e muito notavelmente, um número relativamente pequeno de mulheres negras na academia teológica se tornaram semelhantes à horda de gafanhotos de Joel – cortando, aglomerando-se, saltando, destruindo. Para outros/as, somos o exercito implacável de Joel - não desviando, não tropeçando, não hesitando e entrando em discursos teo-éticos como ladrões.<sup>1</sup>

Em deslumbrantes exibições de arrogância intelectual, discursos morais ortodoxos ignoram as diversidades em seu (e nosso) meio numa marcha inoportuna e crescentemente irrelevante em direção a um ponto de vista objetivo que pode nos conduzir à [V]erdade. Tais buscas serviram (e continuam servindo) para preservar um universo moral e social que tem uma malevolência em uma ponta do seu pólo ontológico e bajulação na outra quando desenvolvidas em um mundo de abstrações que emudecem a matéria substancial da vida. Grande parte do *noblesse oblige* frequentemente age como protetor ou filtro para aqueles/as que buscam manter ou recapturar um corpus intelectual e material que cheira a um status quo entre ignorante e imbecil.

Em seu sempre relevante artigo de 1989, “Coisas indizíveis não ditas: a presença afro-americana na literatura americana”, Morrison percebe que a noção de raça ainda é algo praticamente indizível. Ela apropriadamente aponta para um forte movimento dentro das ciências sociais (grandemente não tratado pela maioria dos/as estudiosos/as nas disciplinas teológicas) de questionamento da eficácia da raça como uma categoria útil para explorar nossa ordem social.

<sup>1</sup> Veja Joel 1-2, especialmente, 1,4 e 2,3-10 (New Revised Standart Version).



Por trezentos anos americanos/as negros/as insistiram que “raça” não era um fator com utilidade distintiva nas relações humanas. Durante esses mesmos três séculos cada disciplina acadêmica, incluindo a teologia, a história e a ciência natural, insistiu-se que “raça” era o fator determinante no desenvolvimento humano. Quando os/as negros/as descobriram que tinham dado forma ou se tornado uma raça culturalmente formada, e que isso tinha diferença específica e respeitada, repentinamente foi dito a eles/elas que não há algo como “raça”, biológica ou cultural, que importa e que um intercâmbio intelectual genuíno não pode comportá-la... Sempre me pareceu que as pessoas que inventaram a hierarquia de “raça”, quando isso era conveniente para elas, não deveriam ser aquelas a desfazê-la, agora que não se encaixa nos propósitos para existir. (MORRISON, 1989, p.3)

Eu começo com essas duas longas citações de Morrison para salientar a dificuldade que o discurso teo-ético tem em abordar raça e racismo. Nós simplesmente não temos feito isso adequada ou aprofundadamente como eticistas. Alguns/as vêm tal análise como se transformando em política pública; outros/as não conseguem achar um construto filosófico adequado a partir do qual olhar com atenção para dentro dos mistérios da raça. Mas nós devemos olhar com atenção e transformar. E proponho uma tática diferente ao fazer isso. A pergunta de Morrison “Não porquê. Como?” oferece uma estrutura metodológica para esquecimento proposital – a forma pela qual a questão da cor [*coloredness*] permanece inadequadamente interrogada dentro dos discursos teológicos.

Muitas de nossas discussões sobre raça a divorciam do profundo impacto que a (in)consciência com relação a cor tem nas deliberações. Além disso, nós focamos quase exclusivamente em povos de pele mais escura. Isso convida pessoas de descendência européia e outras a ignorarem a construção social da brancura [*whiteness*]. Isso permite que grupos étnico-raciais de pele mais escura ignorem seu sistema interno de casta de cor. Isso frequentemente abre a porta para bifurcações estranhas de classe, raça, gênero, idade e assim por diante. Raça é uma construção social, assim como uma produção cultural, onde há custos e benefícios implícitos e explícitos no colapso da raça em nome de uma coloração não-interrogada [*uninterrogated coloredness*]. Isto geralmente, senão sempre, está enrolado ao redor de um pião de escolhas pessoais e dinâmicas de poder comunal.

Apesar das inadequações de como nós temos falado e teorizado raça, eu argumento que embora raça não seja natural, biológica ou psicológica – ela existe. É cabalístico argumentar com qualquer nível de sofisticação ou precisão que uma categoria usada para organizar estados inteiros como o Terceiro Reich ou a África do Sul e parte das nossas estruturas legais do passado e presente não existem. Como uma categoria fixa imutável – não, raça não existe. Como processo relacional de fronteiras



móveis e significados sociais constantemente envolvidos em disputas políticas – sim, raça existe.

A coloração não-interrogada [*uninterrogated coloredness*], também atuando, em parte, como o mito da brancura [*whiteness*], vê a brancura [*whiteness*] como uma condição imutável que carrega consigo atributos morais claros e distintos como ser racista, não experimentar racismo, sendo um/a opressor/a, não experimentar opressão, silenciar, não ser silenciado/a (BONNETT, 1999, p.206). Povos de pele mais escura são definidas em relação a esse mito como “não-brancas” sobre as quais os/as brancos/as agem e têm encontrado sua própria identidade através de sua resistência à supremacia branca. Além de ser problemático para qualquer grupo encontrar sua identidade através do “ato de não ser” [*non-ness*], a brancura não-interrogada [*uninterrogated whiteness*] ignora as pluralidades da própria brancura.

Reconhecendo as formas pelas quais nós temos tratado a brancura como estática, a-histórica e objetiva ajuda a romper sua não-interrogabilidade [*uninterrogatedness*]. Uma coisa que encontramos quando fazemos isso, é reconhecer que termos raciais têm histórias contestadas. Entretanto, a brancura tende a ser excluída da lista de nomes raciais aceitáveis e debatíveis (BONNETT, 1999, p.204).

Deslizar por esse declive escorregadio de confissão branca não pode resolver isso. Embora o objetivo da confissão branca seja permitir, se não provocar as pessoas brancas a perceberem e admitirem sua própria brancura, isso pode degenerar rapidamente para um jogo com fim altruísta moralizante no qual brancos/as são caracterizados/as primeiro, pelas suas falhas morais, e segundo, por um local fixo de onde praticar a resistência “máxima” ao racismo. Resistência branca à supremacia branca é bizarramente elevada a um terreno ético e moral superior. E ainda outra forma de supremacia emerge – uma que não reconhece o árduo campo de disputa da coloração [*coloredness*] quando lidando com racismo. Falhar em reconhecer isso, sutilmente se converte em padrões paternalistas que sempre dão a falsa impressão de expressões superficiais de confissão.

Da mesma forma, evitar a confusão e a complexidade da raça na busca pela neutralidade de cor [*colorblindness*], serve para tornar palatável um engajamento seletivo servil com nossas diferenças genuínas – diferenças que são assumidas como divisoras ao invés de enriquecedoras. Grande parte do discurso sobre neutralidade de cor [*colorblindness*], na realidade suspende e ignoram o fato de que temos cor [*coloredness*]. Quando levada ao extremo, pressupõe um ser sem cor [*noncolored*] que, quando despido, é na realidade uma nova maneira de ser branco.

Nós nos cercamos ao redor de um símbolo da morte que significa colaborar, não questionando [*uninterrogated coloredness*]; é dançar, literalmente, com o diabo. A brancura tem sido e continua a ser estrategicamente mantida pela proclamação de sua ausência de cor [*colorlessness*]. Os valores, sistemas de crença, privilégios, histórias, experiências de pessoas brancas são marcadas como normais ou neutras ou pior – naturais. Todo o resto é a exceção a isso. Esse superego gigante é absolutamente letal. De um modo medonhamente deformado, a brancura não-interrogada [*uninterrogated whiteness*] usa o seu próprio conforto como unidade de medida para como outras pessoas deveriam existir. Se nós estivéssemos lidando com perfeição ou divindade isso não seria problemático.

Entretanto, manter a brancura como uma abstração é hierofania distorcida. A brancura é a coisa invisível que está lá. Talvez, bell hooks tenha intuído algo quando ela percebe que como a maioria dos/as brancos/as não precisa “ver” negros/as, tornando-os/as assim invisíveis, eles/elas podem imaginar que são invisíveis para os/as negros/as



também (1997, p.168-169). Isso ajuda a explicar, em parte, porque a brancura funciona como uma abstração em um nível consciente e inconsciente. Ela também é e pode ser uma estratégia de subterfúgio e supressão que continua a regalar-se numa dieta de dominação, diminuição e negação. Isso, francamente, é péssimo.

Para voltar a Morrison – Não porquê, Como? – eu apenas toquei neste iceberg nessa tarde. Por mais espinhoso que possa ser mudar nossa atenção para a coloração [*coloredness*] enquanto reunimos todas as cores ao redor de uma mesa de análise e discernimento, metodologicamente e concretamente, para entender a construção social e produção cultural da raça, é necessário comprometer-se com o desafio. Isso significa não somente na sala de aula, mas também em nossa própria pesquisa e escrita ao desenvolvermos padrões mais justos de hermenêutica e análise. Fazer raça entrar em colapso em nome de uma coloração não-interrogada [*uninterrogated coloredness*] gera um banhado essencialista que exala críticas e estratégias falhas e inadequadas. A desconstrução do esquecimento proposital exige todas as ferramentas afiadas que possamos reunir – todos/as nós. Ninguém tem propriedade sobre a esquina da integridade aqui e certamente ninguém tem uma vida moral imaculada a tal ponto que ela ou ele pode ficar fora desse desafio epistemológico.

Dadas todas as atividades de gafanhotos que as womanistas são frequentemente acusadas de cometer, é trabalho duro realizar o labor real que de fato realizamos. Apesar disso, mesmo em face à nojenta intratabilidade do esquecimento proposital em coloração não-interrogada [*uninterrogated coloredness*] disfarçada de humor sofisticado, eu ainda me agarro a uma grande esperança de que serei idosa quando morrer. Porque morrer de velhice para uma mulher negra na minha geração, que passa boa parte de sua vida submersa não somente pela coloração não-interrogada [*uninterrogated coloredness*], mas pelo gênero, sexualidade, idade, classe, e mais... para alguém como eu, e não poucos/as de vocês, viver uma vida longa e boa é o ato supremo de rebeldia e resistência. É, de fato, viver o womanismo vasto com a mordida de Sapphire, a boa comida da tia Jemima, a pegada idiota de Topsy, a paixão de Jezebel, a sabedoria de Dona Nora e o intelecto da Mama Mary.<sup>2</sup>

### Bibliografia

BONNETT, Alastair. “Constructions of Whiteness in European and American Anti-Racism”. Em: Rodolfo D. TORRES, Louis F. MIRÓN & Jonathan Xavier INDA (editores). *Race, Identity, and Citizenship: A Reader*. Malden: Blackwell Publishers, 1999.

bell hooks. “Representing Whiteness in the Black Imagination”. Em: Ruth FRANKENBERG (editora). *Displacing Whiteness: Essays in Social and Cultural Criticism*. Durham: Duke University Press, 1997.

MORRISON, Toni. “Unspeakable Things Unspoken: The Afro-American Presence in American Literature”. Em: *Michigan Quarterly Review*, v.28, n.1, 1989.

---

<sup>2</sup> Sapphire, tia Jemima, Topsy, e Jezebel são estereótipos negativos de mulheres negras nos EUA. Sapphire é uma mulher estridente que constantemente importuna seu marido ou namorado. Tia Jemima é a escrava feliz que despreza seus próprios filhos para cuidar da igreja de pessoas brancas. Topsy é uma menina negra que é (mal-vestida?) e recusa as tarefas designadas a ela. Jezebel uma mulher sexualmente agressiva que é tentadora e perigosa porque não consegue se controlar sexualmente. A maneira como Townes usa esses estereótipos acaba por reverter seus significados negativos, expondo os modos positivos e afirmativos em que as mulheres – que são claras em seu discurso, nutridoras, hábeis e apaixonadas – são fundamentais para o pensamento womanista nos Estados Unidos [N.T.].